

## Gávea Operária



Trabalhadores da Fábrica de Tecidos Carioca em frente à vila operária construída pela Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro, conhecida como Vila Sauer. Revista da Semana, 4 de março de 1901.

“Os operários do Rio serão arrastados à greve?” foi uma das manchetes com que a *Gazeta de Notícias* registrou, em julho de 1917, os rumores de uma possível greve geral na então capital da República. A notícia reverberava a apreensão do público leitor, e de setores mais amplos da sociedade, com o que era visto como uma onda potente e destrutiva iniciada com a greve geral dos operários paulistas no início daquele mês.

O temor de que o movimento envolvesse os trabalhadores do Rio de Janeiro não se fundava somente nesse precedente. Desde o início do ano, paralizações pontuais de diferentes categorias profissionais eram registradas na cidade, a começar pela greve dos mil e seiscentos operários das fábricas de tecidos Carioca, Corcovado e São Felix, e da fábrica de chapéus Braga – localizadas na dinâmica região fabril da Freguesia da Gávea – em solidariedade a colegas demitidos. Ao fim de julho e durante duas semanas, uma greve geral uniu homens, mulheres e crianças, brasileiros e estrangeiros, brancos e negros, cerca de cem mil trabalhadores de várias categorias e regiões da capital, solidários nas reivindicações de melhores condições de trabalho, maiores salários e de legalização sindical.

Embates e greves são como ícones das intensas transformações no mundo do trabalho nas primeiras décadas do século XX. Representam, no entanto, uma das várias dimensões que caracterizam o processo de formação das classes trabalhadoras, de seus laços de identidade e de solidariedade. Sua compreensão

demanda o olhar sobre as formas e espaços de sociabilidade que entrecruzam e explicitam os múltiplos pertencimentos desses sujeitos individuais e coletivos. Para além do espaço da fábrica, são expressivas as dimensões das relações familiares, de vizinhança, de associações recreativas, pecuniárias, religiosas, em que são vivenciadas relações formais e informais, de afetos e conflitos.

Nos acervos documentais, mas também na memória, na paisagem e nos lugares que compõem o tecido histórico da cidade, é possível encontrar registros desses espaços e formas de sociabilidade das classes trabalhadoras, assim como questões e desafios por elas enfrentados.

Em escala local – na história da Gávea operária entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, quando a região abrangia, além do vale da Gávea, as áreas de encosta hoje conhecidas como os bairros do Jardim Botânico e Horto, e a baixada litorânea que inclui a orla da Lagoa, Ipanema, Leblon e São Conrado – em um passeio pelas redondezas, esbarra-se com ruínas da fábrica Moura Brasil, com o Carioca Futebol Clube, fundado por patrões e trabalhadores da fábrica homônima, e com raros nomes de rua, como a que homenageia Mestre Joviniano, operário e maestro da banda de música dos trabalhadores que, como os grevistas de 1917, marcaram a história da região.

São, no entanto, as chamadas vilas operárias que permanecem com maior vulto. Ressignificadas por novos usos, a Vila dos Diretórios, na PUC-Rio, ou a Vila Sauer, no Horto, são testemunhos eloquentes da história e da memória dos trabalhadores do Rio de Janeiro. Tomadas em conjunto com outros exemplos de moradia das classes trabalhadoras na região – sejam eles presentes na paisagem física, como a Rocinha e o conjunto de favelas ao seu redor, o Conjunto Habitacional da Gávea e a Cruzada São Sebastião, sejam eles lembrados pela memória de seus antigos moradores, como o Parque Proletário da Gávea e as várias favelas removidas – as vilas representam uma resposta e permanecem um desafio à questão fulcral da habitação que historicamente no Rio de Janeiro aproximou as classes trabalhadoras pela carência, precariedade e insegurança, ao mesmo tempo que as hierarquizou e distinguiu quanto ao pertencimento ao mundo das relações formais de trabalho. Reconhecer essas remanescências locais é um primeiro passo para se compreender a cidade e seus desafios do presente e do porvir.

Silvia Ilg Byington  
Caren Ferreira